A CONSPIRAÇÃO DE

FORIY ACRES

Ele poderia **TER TUDO...**Mas a que **PREÇO?**

4.2

TRADUZIDO POR GABRIELA ARAUJO

DWAYNE ALEXANDER SMITH





ouis Ward caminhava pelo estacionamento do shopping Green Hill em Southdale, Minnesota, enquanto lia a contracapa do box de DVDs de Seinfeld: a Série Completa que tinha acabado de comprar.

Ele não percebeu a van preta com vidros escuros em seu encalço.

Louis era um grande fã de Seinfeld, tanto que vestia uma camisa com a logo da série. Assim como sua esposa, Becky, com que era casado há nove anos. Infelizmente, quando o box de US\$250 havia sido lançado sete anos antes, ele estava desempregado e não pudera se dar ao luxo de comprá-lo. Eles tinham visto todas as temporadas na TV, é claro, mas queriam muito todos os extras divertidos dos DVDs. Hoje o box da série completa fora relançado, mais fino e mais barato, e Louis havia prometido a Becky que o compraria depois do trabalho para que assistissem à noite. Ambos eram católicos irlandeses e nunca haviam pisado na cidade de Nova York, logo não tinham muito em comum com os personagens do programa, mas isso não importava. Eles concordavam que Seinfeld era a série mais engraçada já feita e ponto-final. Mais engraçada do que Lucy, The Honeymooners ou qualquer outra série em preto e branco que as pessoas adoravam mencionar toda vez que ele enaltecia Seinfeld. Esses programas eram ótimos, com certeza, mas Seinfeld estava em outro patamar. Louis até atribuía à série o crédito de salvar o seu casamento. O casal certa vez havia passado um ano estranho marcado por pouco sexo e muita briga e o amor compartilhado por Seinfeld os manteve juntos quando outros teriam jogado a toalha. Apenas essa razão era o suficiente para que Seinfiled tivesse um lugar especial no coração de Louis.

Mas, para o azar de Louis, sua obsessão com Seinfeld seria um dos fatores responsáveis por selar o destino trágico que o aguardava.

Ao alcançar seu Honda Civic surrado e procurar pelas chaves, percebeu a van preta parando na pista logo atrás. Apesar de o veículo velho ter janelas cobertas por insulfilme, Louis não lhe deu atenção. Imaginou que era um cara esperando para usar a vaga. Havia vários outros espaços disponíveis, claro, mas algumas pessoas gostam de estacionar em lugares específicos. Vai entender.

Então Louis viu algo impressionante.

A porta lateral da van se abriu e dois homens usando máscaras de ski correram em sua direção. Ele mal pôde pensar *Que porra é essa?* antes que o alcançassem. Foi eletrocutado no peito com uma arma de eletrochoque e estremeceu ao sentir seis milhões de volts correndo pelo corpo. Depois de uma última convulsão, o mundo girou e ficou tudo escuro.

Os homens jogaram o corpo inconsciente de Louis na traseira da van, fecharam a porta e saíram depressa.

Duas horas depois um segurança do shopping passaria pelo local e notaria um velho Honda com a porta do motorista escancarada. E o mais estranho de tudo: um box de DVDs lacrado de Seinfeld: a Série Completa caído ao lado no chão.



artin Grey observava pela janela traseira o grupo de repórteres que lotava a escada em frente ao tribunal na Praça Foley enquanto o taxista parava o carro. Martin percebeu quando os primeiros jornalistas notaram sua presença e logo cercaram o veículo, seguidos pelos outros. Observou enquanto cercavam o carro, batiam no vidro, gritavam perguntas e tiravam fotos. Dois agentes do Departamento de Polícia de Nova York tentavam conter a multidão sem sucesso.

Martin não conseguia acreditar. O pequeno processo de direitos civis no qual começara a trabalhar há dois anos tinha se transformado no maior caso de sua carreira. E hoje era o momento decisivo. As alegações finais. A última chance de convencer o júri e garantir justiça para seu cliente — sem contar uma bagatela de US\$ 25 milhões.

— Quer que eu tente a porta dos fundos? — o motorista questionou.

Martin balançou a cabeça.

— Não. Vai ter o dobro deles lá atrás. Aqui está bom.

Martin recolheu sua pasta e segurou a maçaneta.

— Boa sorte, irmão — desejou o motorista.

Martin não pôde evitar sorrir ao ser chamado de "irmão". De fato, poderiam passar por irmãos de verdade. O motorista parecia ter pouco mais de trinta anos, assim como ele. Tinham altura e estrutura física medianas. Até seus cabelos exibiam o mesmo corte alinhado e curto. De cara, a única grande diferença entre eles era que um segurava o volante e o outro uma pasta de documentos. Bom, Martin também se vestia com um pouco mais de elegância.

O advogado não considerou o uso do termo "irmão" como falta de respeito, como outros em sua posição talvez pensassem. Para ele era um sinal de solidariedade entre dois homens pretos, algo que ele sentia falta na comunidade afrodescendente estadunidense.

Martin ofereceu ao outro homem uma gorjeta de US\$ 10.

— Dou duro demais pra depender da sorte — ele disse. — Mas hoje estou aceitando toda ajuda que puder.



CAPÍ TULO Z

uando Martin saiu do carro, os repórteres avançaram nele como urubus na carniça.

- Você realmente acredita ter chance contra Damon Darrell?
- É verdade que Darrell te ofereceu um acordo de última hora?
- Darrell é o advogado mais difícil que já enfrentou?

Ali estava. O motivo de esse caso ter explodido na mídia. Damon Darrell, o advogado superestrela e pseudo-celebridade, estava na oposição. Todo caso que o extravagante, e igualmente brilhante, Darrell tocava se transformava num circo midiático. Especialmente um assim.

O cliente de Martin estava processando a empresa em que trabalhara por vinte anos, Indústrias Autostone, a maior manufaturadora de pneus automotivos do mundo, por atos explícitos de discriminação racial. Vários atos foram registrados pelas câmeras de segurança na fábrica principal e um vídeo chegou a vazar e viralizou no YouTube. As provas pareciam incontestáveis, mas numa tática malandra, a Autostone não conseguiu apenas um advogado espetacular, ela fisgou um advogado afrodescendente brilhante para orquestrar sua defesa.

A ironia da situação era boa demais para ser verdade e a imprensa fez a festa. E como Darrell usava comentários infames e extravagâncias na sala de tribunal para colocar lenha na fogueira, a multidão de repórteres ficou em êxtase.

Martin sabia que se não jogasse umas migalhas não conseguiria passar. Ele parou e encarou o universo de flashes e microfones.

— Prefiro guardar os meus comentários para as alegações finais de hoje. Obrigado.

O advogado continuava seu trajeto até a entrada quando a voz de um homem sobressaiu.

— Melhor montar um bom argumento agora, Grey, porque lá dentro vou acabar com você.

Martin reconheceu a voz. Olhou para trás e viu o homem preto vestido de maneira impecável perto da multidão de repórteres, exibindo um sorriso malicioso familiar. Os jornalistas estiveram tão ocupados importunando Martin que não perceberam Damon Darrell parado atrás deles até aquele momento.

Damon Darrell era da mesma altura de Martin e apenas oito anos mais velho, mas sua autoconfiança singular o fazia parecer anos-luz a frente em tamanho e em sabedoria.

Martin observou enquanto os repórteres focavam em unissono suas câmeras no fotogênico Damon.

- Você vai ganhar, Sr. Darrell?
- Qual o seu nível de confiança, Sr. Darrell?

Damon levantou a mão para conter o entusiasmo do grupo como um líder religioso orientando sua congregação ao silêncio.

— Tenho apenas um comentário e é para o Sr. Grey.

Martin se manteve firme à medida que Darrell subia os degraus, atravessando a turba de repórteres, e o encarava.

- Tenha cuidado hoje Damon alertou. Ainda tenho umas surpresinhas pra você.
- Lógico que tem Martin respondeu. Por que o show de hoje seria diferente de todos os outros?

Com as gargalhadas dos repórteres, Martin notou o sorriso ardiloso no rosto de Damon e a forma como seus olhos brilharam como os de um homem que se regozija com o confronto.

Damon se aproximou ainda mais e colocou uma mão amigável em seu ombro.

— Hoje mostro o meu verdadeiro arsenal. Essa é a diferença, Sr. Grey.

Então Damon subiu o resto dos degraus de mármore e desapareceu dentro do prédio.

Os repórteres clamaram por uma réplica, mas Martin só ouvia o aviso de Damon ecoando sem parar em sua cabeça. É óbvio, Martin sabia que a postura de Damon era uma encenação para as câmeras, um teatro para manter sua reputação, mas a presença dele era intimidadora. Afinal, por trás de seus caprichos e artimanhas, Damon Darrell era uma das melhores mentes do Direito no mundo.



amon não estava brincando quanto ao arsenal.

Depois do breve resumo de vinte e cinco minutos de Martin, o tribunal ouviu fascinado enquanto Darrell performava uma conclusão digna de um show da Broadway. Durante noventa minutos, ele marchou de um lado para o outro alternando entre gestos e a apresentação de slides com elementos-chave do caso.

Durante os sete dias de julgamento, em vez de tentar minimizar os efeitos do vídeo, Damon o havia exaltado. Ele argumentou que em vez de abrir um processo na época, o cliente de Martin suportou o abuso em frente às câmeras com a intenção de armar uma causa robusta e intrigante. Para fechar o argumento, Damon deu a cartada final com uma frase feita para grudar na mente do júri.

— O Sr. Watson não teve seus direitos civis violados — Damon declarou com uma risada. — Ele está aqui tentando lucrar com eles.

Gargalhadas seguiram a frase e o juiz reestabeleceu a ordem com a batida do martelo.

Retomando o seu lugar, Damon sorriu para Martin como se dissesse: "quero ver você fazer melhor, moleque".

Martin sabia que Damon estava certo. Como ele seria capaz de suceder uma apresentação tão incrível? Ele poderia se ater à réplica tradicional passo a passo como o planejado, mas após o show pirotécnico de Damon aquilo entediaria o júri.

— Sr. Grey — clamou o juiz. — São 11h30. Gostaria de iniciar sua réplica agora ou de aguardar até depois do almoço?

Na hora que o juiz disse isso, Martin percebeu que com certeza isso era parte da estratégia de Damon. Tomar tempo o suficiente para que Martin tivesse que batalhar com o relógio. Faltando trinta minutos para o meio-dia, tinha apenas duas opções. Poderia declarar a réplica depois do almoço quando o júri estivesse desatento por causa das barrigas cheias ou pedir que o juiz adiasse o intervalo até que ele concluísse. A última também não era uma boa escolha pois os jurados o culpariam por estarem com os estômagos roncando e as bundas dormentes.

A suspeita de Martin foi confirmada ao ver Damon se levantar de repente e se dirigir ao juiz.

— Vossa Excelência, se o Sr. Grey quiser adiar o almoço para realizar sua alegação, não faço objeções... Mas não posso dizer o mesmo pelo meu estômago.

As risadas ecoaram novamente e Martin conseguiu ver o sorriso irritante no rosto de Damon.

O juiz se voltou para Martin.

— Sr. Grey, como gostaria de prosseguir?

Martin estava encurralado. A decisão errada agora poderia arruinar o caso. Um caso que, apesar dos esforços de Damon, parecia estar a favor do cliente de Martin.

— Sr. Grey, preciso de uma decisão.

Martin teve uma ideia. Era arriscada, mas depois de pesar todas as opções, teve certeza de que era a sua melhor jogada. Apenas uma coisa fez com que hesitasse. Esse era um julgamento de alto prestígio. O mundo estava de olho. Se esse truque não funcionasse, tinha o risco de arruinar sua carreira.

--- Sr. Grey!

Martin se levantou.

- Estou preparado para prosseguir, Vossa Excelência.
- Está solicitando o adiamento do intervalo?
- Não. Não será necessário.

O juiz pareceu surpreso. Damon também.

Checando o relógio, o juiz alertou:

— Agora, você tem somente quinze minutos. Tem certeza, Sr. Grey?

Um burburinho nervoso ecoou pelo tribunal. Sr. Watson percebeu que havia algo errado e olhou para Martin com ansiedade. Martin assentiu de maneira confiante e virou a cabeça em direção ao juiz.

- Certeza absoluta, Vossa Excelência.
- Muito bem. Prossiga.

Martin podia sentir cada olho grudado nele ao se aproximar do balcão do júri. O manual mandava sorrir e parecer amigável ao se aproximar dos jurados. Ele fez o exato oposto. Parou e olhou nos olhos de cada um. Não com raiva, mas com extrema seriedade. Um olhar incisivo que dizia: "acabou a brincadeira". Quando Martin finalmente falou, sua voz era firme e autoritária. Uma voz que não podia ser contestada.

— Meu colega levou uma hora e meia para convencê-los do que ele acredita ser a intenção do meu cliente. Algo que nunca saberemos de verdade. Mas o que sabemos, e o que o Sr. Darrell inclusive concorda, é que o vídeo nitidamente mostra que meu cliente, Sr. Watson, foi vítima de consecutivas injúrias raciais. Não preciso de uma hora e meia porque a verdade está explícita para quem quiser ver. Vocês sabem do seu dever com a justiça, Obrigado.

Ao retornar para o assento, Martin notou que o costumeiro sorriso de Damon havia desaparecido e sido substituído por uma expressão nunca vista no semblante de seu oponente: incerteza.

Essa era toda a garantia de que precisava.



A festa do escritório de advocacia Grey & Grossman tomou a vizinhança da Jamaica, no bairro do Queens. Há quase três anos Martin e seu sócio, Glen Grossman, dividiam a sala apertada com dois auxiliares contratados. Nunca havia espaço suficiente graças aos armários e às caixas de arquivos empilhadas até o teto, mas, naquela noite especial, a família de Martin, amigos e colegas bebiam champanhe e dançavam ao redor do pequeno escritório como se estivessem num grande salão.

Manchetes de jornais e blogs jurídicos estampavam as paredes descascando.

"Autostone Derrotada em Épico Caso de Discriminação Racial"

"Autostone Pagará US\$25,5 milhões por Violação de Direitos Civis"

"Pequeno Advogado Destrói Gigante Empresarial"

Martin, bebendo uma cerveja, observava as festividades de longe, envolto em uma névoa de descrença que o cercava desde o veredito do júri. Martin sempre havia acreditado na vitória, mas considerando o seu lendário oponente, fora tomado por um compreensível momento de dúvida. Ainda assim, ele conseguiu. Venceu o jogador nº 1 em seu próprio jogo na frente do mundo todo e nada mais seria como antes. Sua secretária eletrônica já estava cheia de pedidos de entrevistas para a televisão. A publicidade atrairia grandes clientes tanto para ele como para Glen. Sim, senhor, ele pensou, as nuvens se dispersaram e agora posso enxergar o infinito.

E o infinito parecia bem incrível.

— Por que tá se escondendo no canto?

Martin se virou e viu Glen Grossman se aproximando com a esposa, Lisa. Ambos seguravam bebidas e pareciam levemente tontos.

- Isso tudo é pra você, amigo Glen disse. Devia estar lá comemorando.
- Estou só absorvendo tudo. Sabe, aproveitando o momento. Aliás, a festa não é só pra mim Martin colocou um braço em volta de Glen. É nossa, sócio. A Grey & Grossman vai decolar agora. Espero que esteja pronto.

Lisa deu uma risadinha.

— Sem dúvidas ele está pronto. Acabei de pegá-lo no computador pesquisando por uma nova sala de escritório nos classificados.

Martin riu. Sim, aquele era Glen. Grandes sonhos e uma reserva inesgotável de energia para transformá-los em realidade. Martin tinha conhecido Glen durante o tempo em que se especializou na NYU Law. Martin era um afrodescendente recém-saído da Universidade de Syracuse. Glen era um judeu nova-iorquino com um diploma de graduação pela Universidade de Nova Iorque. Eram diferentes de inúmeras formas, mas uma característica em comum que suas famílias compartilhavam era mais do que o suficiente.

Nos anos 60, os advogados judeus foram muito importantes para o movimento dos direitos civis e o avô de Glen tinha sido um dos mais dedicados. Em certas ocasiões tinha trabalhado diretamente com o Reverendo King, algo que Glen adorava mencionar.

O avô de Martin tinha sido dono de uma padaria no Harlem, mas também fora um dos principais líderes do movimento no Nordeste do país. Quando não estava preparando massa de pão, organizava passeatas e comícios pelas ruas. Era conhecido não só por coordenar os manifestantes, mas também por alimentá-los. Foi na famosa Marcha sobre Washington por Trabalho e Liberdade que os avós de Martin se conheceram.

Trocar figurinhas sobre a participação de seus ancestrais na história transformou colegas de quarto em grandes amigos. Depois de se formarem, trabalharam no escritório da União Americana pelas Liberdades Civis em Nova York durante o dia e estudaram para o exame da Ordem dos Advogados à noite. Apenas três anos após passarem no exame, Glen teve a acometida ideia de se unirem para abrir o próprio escritório. Martin teve medo de que não estivessem preparados, ao que Glen respondeu:

—Vamos nos preparar. — E como Martin poderia discordar?

O primeiro ano e meio foi difícil, mas com trabalho duro e muita correria, os casos começaram a surgir e logo eles conquistaram uma boa renda focando em processos de direitos civis.

Então o caso da Autostone caiu do céu junto com Damon Darrell e de repente o mundo era deles.

— O que a Anna está fazendo? — Lisa apontou para o outro lado do escritório. Martin se virou na direção indicada e, surpreso, avistou sua esposa, Anna, subindo numa mesa com um pedaço de papel na mão.

— Parem a música — Anna gritou acima do barulho. — Tenho uma coisa pra ler.

Martin contemplou intrigado quando a música cessou e todos olharam para ela. Mesmo usando um vestido simples, Anna ficava deslumbrante. Toda vez que Martin a observava, ainda não podia acreditar que era sua esposa.

Anna ergueu o pedaço de papel e se dirigiu ao grupo.

— Acabei de imprimir isso do Vigilância Legal. É sobre o Martin.

Todos aplaudiram. Vigilância Legal era o melhor site jurídico do mundo. Anna deu um sorriso na direção de Martin e começou a ler.

"Na quinta-feira, advogados de ambos os lados do caso Watson vs. Autostone executaram suas alegações finais para oito jurados após duas semanas de depoimentos no aclamado julgamento de discriminação racial. Em defesa da Autostone, o renomado Damon Darrell foi impecável como sempre, apresentando uma conclusão detalhada de noventa minutos. Mas numa virada surpreendente o advogado da oposição, Martin Grey, só precisou de dois minutos para fazer seu argumento: o apelo ousado para que o júri usasse o bom senso desmantelou a defesa de Darrell. Apenas vinte minutos após o intervalo do almoço, o júri retornou com um veredito a favor da acusação: US\$250 mil em compensação e US\$25,5 milhões em danos morais. Certamente recorrerão da sentença, mas essa releitura de Davi vs. Golias já é assunto em todas as firmas da região. Com um tiro certeiro, Martin Grey garantiu um lugar ao sol para a sua pequena firma do Queens, Grey & Grossman."

Quando Anna terminou, seus olhos estavam marejados e Martin aguardava diante dela. A sala se encheu de aplausos. Martin ajudou Anna a descer da mesa direto para seus braços.

— Estou tão orgulhosa de você, amor — Anna sussurrou.

Eles se beijaram como se não houvesse mais ninguém no local. Então uma voz familiar soou alta ao cessar dos aplausos.

— Martin, eu não sabia que sua esposa era tão linda.

Todos se viraram para encarar o homem impecavelmente vestido próximo à porta, exibindo duas garrafas de Dom Pérignon e um grande sorriso.

Confusa, Anna sussurrou para Martin:

— Quem convidou ele?



amon Darrell era a última pessoa que Martin esperava ver na festa, mas, afinal, o homem era mestre em fazer o inesperado.

Por impulso, a multidão se dividiu para que Damon caminhasse até Martin. Se Damon percebeu o que sua presença tinha causado nas pessoas, não demonstrou. Ele entregou a Martin as duas garrafas de champanhe e deu um sorriso aparentemente sincero.

— Só quis passar por aqui e desejar os parabéns.

Martin fez o que pôde para esconder sua surpresa e agradeceu pelo gesto.

- Sem problemas Damon disse. O que acontece durante o julgamento faz parte, certo? Nada pessoal. Venho como um colega de profissão que admira o seu trabalho. Você é um excelente advogado.
 - Obrigado. Você também não é tão ruim.

Damon riu e Martin ficou aliviado com isso. Ele ainda era Damon Darrell, afinal de contas. Claro que Martin havia vencido dessa vez, mas a longa lista de vitórias de Damon era impressionante. Ei, até Hank Aaron havia recebido três strikes às vezes.

Antes que Martin pudesse fazer as honras, Damon se apresentou para Anna. Ele não escondeu o fato de estar encantado com a beleza dela. Segurou sua mão mostrando um sorriso sedutor, então se virou para Martin.

— Sr. Grey, se eu soubesse que tinha a lábia para convencer uma mulher tão linda a se casar com você, não o teria subestimado.

Martin se surpreendeu ao ver Anna ficar vermelha com o comentário. Ela não era tão impressionável assim.

Quando Glen se aproximou, Martin ficou um pouco tenso. Durante o julgamento, Glen tinha feito muitas críticas a Damon. Ele respeitava as habilidades de Damon, mas não conseguia superar o fato de um dos advogados pretos mais influentes estar do lado dos racistas que comandavam a Autostone. Estivera convicto de que Damon só queria o dinheiro.

Glen estendeu a mão.

— Sou o sócio de Martin, Glen...

Damon apertou sua mão.

- Glen Grossman. É claro. Prazer em finalmente conhecer a outra metade do time dos sonhos. Você trabalhou naquela ação coletiva contra a Texaco no ano passado, não foi?
 - Sim, trabalhei Glen respondeu com surpresa.

A Texaco havia sido o maior caso da firma antes de a Autostone aparecer. Eles conseguiram US\$5 milhões e Glen tinha orgulho de cada centavo.

- Fez um ótimo trabalho Damon elogiou. Boa indenização. Duvido que eu tivesse feito melhor.
 - Ah, tá Glen riu. Aposto que teria arrancado o dobro deles.

Martin não podia acreditar. Primeiro conquistando Anna, e agora Glen?

Glen apresentou Lisa e, depois de alguns minutos de conversa, Damon disse que precisava se apressar para uma reunião, mas antes havia outra razão para ter aparecido de penetra.

— Minha esposa e eu vamos dar um jantar na sexta à noite — ele disse a Martin. — E adoraríamos que você e a Anna fossem. Preciso alertá-los de que é ridiculamente formal, mas o lado bom é que a minha esposa é uma anfitriã incrível.

Surpreso, Martin se virou para Anna. Ele podia ver a animação nos olhos dela também. A mídia adorava falar sobre a riqueza de Darrell e seu círculo de amigos famosos. A chance de fazer parte daquilo por uma noite parecia muito interessante.

Damon olhou para Glen.

— Adoraria convidar você e sua adorável esposa também. Infelizmente, minha esposa planeja esses eventos nos mínimos detalhes. Só pude estender o convite a eles devido a um cancelamento de última hora. Sinto muito.

— Não, tudo bem. — Glen disse enquanto abraçava a esposa. Ambos esconderam a decepção atrás de sorrisos agradáveis. — Talvez da próxima vez.

Damon se dirigiu a Martin novamente.

— Então posso dar o *ok* para a minha esposa?

Anna olhou para Martin. Ela não estava feliz com aquilo, mas entendia o que o marido tinha que fazer.

Martin franziu as sobrancelhas.

- Agradeço o convite, mas acredito que esperaremos pela próxima...
- Não, não, não Glen o interrompeu. Não seja bobo. Vão e se divirtam. Não tem problema, sério.
- Vocês têm que ir Lisa completou. Então podem nos contar como foi. Tim-tim por tim-tim.
- Ótimo. Então fechado Damon concluiu. Ele deu um tapa no braço de Martin. — Vou pedir pra alguém te enviar os pormenores por e-mail. Até sexta.

Com a partida de Damon Darrell, Martin percebeu que Anna parecia preocupada.

- O que houve?
- Ele disse que a festa é formal.

Martin revirou os olhos.

- Deixa eu adivinhar. Você não tem nada pra vestir.
- Não só eu ela declarou. E você? Tudo o que tem é aquele monte de ternos velhos que usa todos os dias.
- Esqueceram por que estamos comemorando? Glen lembrou ao retirar uma das garrafas de champanhe da mão de Martin. A firma Grey & Grossman está prestes a receber uma comissão enorme. Com certeza vão poder fazer umas comprinhas.

Eles riram e Glen estourou o champanhe, fazendo o líquido jorrar.

